

EVOLUÇÃO DO CUSTO DA TERAPIA IMUNOBiolÓGICA NOS ÚLTIMOS 36 MESES EM UMA OPERADORA DE PLANO DE SAÚDE

João Paulo dos Reis Neto; Busch J M

CAPESESP-Caixa de Previdência e Assistência dos Servidores da Fundação Nacional de Saúde, Brasil

OBJETIVOS: No decorrer da última década, várias terapias imunobiológicas foram desenvolvidas para inibir a progressão de danos estruturais e melhorar a função física em pacientes portadores de doenças autoimunes e inflamatórias. Essas condições estão presentes em cerca de 5% a 7% da população mundial, constituindo-se em importante causa de mortalidade. Desde 2012 os imunobiológicos foram incorporados gradativamente na saúde suplementar. Entretanto, nos últimos anos, os gastos com estes medicamentos aumentaram dramaticamente devido ao alto custo e a ampliação das indicações clínicas com cobertura obrigatória. Este estudo tem por objetivo analisar a evolução da utilização e os custos desses produtos em uma autogestão.

MÉTODOS: Estudo de coorte retrospectiva a partir de banco de dados administrativos que consiste em todos os beneficiários do plano de saúde que receberam tratamento com imunobiológicos em variadas indicações nos últimos 36 meses (setembro/2019 a agosto/2022). Tendo como base o Período 1 (P1, set/2019 a ago/2020), analisamos a evolução nos demais períodos (P2 e P3, set/2020 a ago/2021 e set/2021 a ago/2022, respectivamente) da taxa de utilização de imunobiológicos e os custos envolvidos (per capita e por paciente tratado). Também analisamos a evolução das despesas com estes produtos e a proporção deles em relação às demais classes farmacológicas. Avaliamos, ainda, os princípios ativos mais prescritos no período. Microsoft Excel® v2010 e Qlik Sense® v13.21 foram utilizados para frequências relativas e absolutas, médias e desvio padrão (intervalos de confiança de 95%, significância quando $p < 0,05$).

RESULTADOS: No período do estudo, 201 beneficiários (79, 67 e 72, respectivamente no P1, P2 e P3) foram submetidos à terapia imunobiológica (média etária 62 anos, 72,6% mulheres). No P1, 0,18% do total de expostos recebeu algum tipo de tratamento. Nos intervalos seguintes, o percentual aumentou: P2=0,19% e P3=0,26%. O custo por paciente tratado aumentou 37,7% em 36 meses, enquanto a despesa anual por exposto, ou seja, toda a carteira do plano e não somente os que receberam imunobiológicos, dobrou (+101,0%). A proporção de gastos com imunobiológicos em relação à despesa assistencial geral se manteve relativamente estável (1,2%, 1,7% e 1,6%, no P1, P2 e P3, respectivamente). Os sete princípios ativos de maior consumo financeiro e correspondente a 2/3 do total de despesas foram: infliximabe, tocilizumabe, golimumabe, bevacizumabe, adalimumabe, vedolizumabe e secuquinumabe.

CONCLUSÕES: Com a chegada dos imunobiológicos, o tratamento de algumas patologias, até então de difícil controle, vislumbrou a possibilidade de modificação no curso natural da doença. Entretanto, conforme demonstrado nesse estudo, observamos que o custo por paciente tratado aumentou cerca de 38% e o impacto sobre o per capita da carteira dobrou. A expectativa quanto à introdução de novos medicamentos e dos biossimilares era de que impulsionasse a competição econômica, levando a uma economia total por medicamento, mas que, infelizmente, na prática não foi observado, tornando-se assim, um grande desafio no cotidiano dos gestores da saúde, que devem repensar os modelos de remuneração utilizados atualmente, de modo a permitir a sustentabilidade do setor e a ampliação do acesso a essas tecnologias.

Rio de Janeiro, 05 de outubro de 2022.

